

Taxa de alfabetização avança, mas segue desigual

Censo 2022 aponta queda no percentual dos que não sabem ler e escrever no país para 7%, contingente que ainda representa 11,4 milhões de brasileiros. Indicador continua maior no Nordeste e entre negros e indígenas

PÂMELA DIAS
jornal.ao@globo.com.br

O percentual de brasileiros que sabem ler e escrever avançou nos últimos 12 anos e alcançou a marca de 93%, mas o país ainda apresenta desigualdades regionais e raciais em seus indicadores de alfabetização. O cenário é apontado por novos dados do Censo 2022 divulgados ontem pelo IBGE. Em números absolutos, entre os 163 milhões de habitantes com 15 anos de idade ou mais no país, 151,5 milhões sabem ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabem.

Os dados indicam que o analfabetismo caiu 2,6 pontos percentuais, para 7%, em relação ao Censo de 2010, quando 9,6% da população não sabia ler e escrever. Em 1940, segundo a série histórica do IBGE, os números mostravam um Brasil ainda mais sem instrução: menos da metade da população (44%) era alfabetizada.

Segundo o instituto, a queda na taxa de analfabetismo em todas as faixas etárias reflete, principalmente, a expansão educacional e a transição demográfica no país. O IBGE considera alfabetizados as pessoas que sabem ler e escrever pelo menos um bilhete simples ou uma lista de compras, no idioma que conhece, independentemente de estar ou não frequentando a escola ou de ter concluído períodos letivos.

Também são contabilizados indivíduos que utilizam o Sistema Braille e que tenham habilidade para a leitura ou escrita, mas se tornaram fisicamente ou mentalmente incapacitados.

Entre as regiões, o Nordeste permaneceu com a maior taxa de analfabetismo. A população que não sabe ler e escrever soma 14,2%, índice que representa, portanto, o dobro da média nacional. No Sul e Sudeste, o índice é inferior a 4%. Em comparação à última edição da pesquisa, de 2010, no entanto, o Nordeste apresentou relativa melhora no número de alfabetizados: um salto de 80,9% para 85,79%, em 2022.

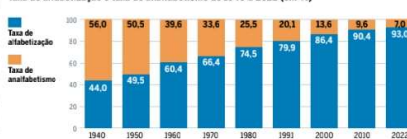
No recorte por estados, Santa Catarina e o Distrito Federal são as unidades federativas com as menores



Desafios. A taxa de alfabetização em praça do Rio: população que não sabe ler e escrever recua em 12 anos, mas grupo ainda soma 11,4 milhões de brasileiros

DADOS DO CENSO

Taxa de alfabetização e taxa de analfabetismo de 1940 a 2022 (em %)



Taxa de alfabetização por região

BRASIL 93%

Norte 91,8%

Nordeste 85,8%

Centro-Oeste 94,9%

Sul 96,6%

Sudeste 96,1%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010/2022

Taxa de analfabetismo por cor ou raça (em %)

TOTAL 7

Branca 4,3

Preta 10,1

Amarela 2,5

Parda 8,8

Indígena 16,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010/2022

Veja ranking dos estados com maiores e menores taxas de alfabetização no Brasil (em %)

Santa Catarina 97,3

Distrito Federal 97,2

São Paulo 96,9

Rio Grande do Sul 96,9

Rio de Janeiro 96,7

Paraná 95,7

Mato Grosso do Sul 94,6

Goiás 94,5

Espírito Santo 94,4

Mato Grosso 94,2

Minas Gerais 94,2

Rondônia 93,6

Amazonas 93,5

Roraima 93,1

Maranhão 93,1

Piauí 92,2

Tocantins 90,9

Acre 87,9

Bahia 87,4

Pernambuco 86,6

Sergipe 86,2

Rio Grande do Norte 86,1

Ceará 85,9

Paraná 85

Piauí 84

Alagoas 82,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010/2022

mo nesse segmento caiu 3,5 pontos percentuais. Já a população idosa é a que menos sabe ler e escrever (leia mais abaixo).

Em 2022, o país registrou uma queda na taxa de analfabetismo em todos os grupos por cor ou raça. No entanto, a vantagem no percentual de alfabetizados da população branca e amarela em relação às populações preta, parda e indígena foi observada para todos os grupos etários analisados.

Os números apontam que a taxa de analfabetismo entre a população negra é mais do que o dobro da registrada entre a branca. Enquanto o índice de pretos e pardos que não sabem ler e escrever é de 10,1% e 8,8%, respectivamente, o percentual fica em 4,3% no segundo grupo.

TAXA TRÊS VEZES MAIOR

Entre indígenas, o contingente dos que não sabem ler e escrever caiu de 23,4% para 16,1%. Ainda assim, a taxa segue mais de três vezes maior do que a registrada entre os autodeclarados brancos. A redução mais expressiva foi observada na região Norte do país (de 31,3% para 15,3%).

Parte dessa disparidade entre os indígenas se deve a diferentes línguas faladas pelos povos e ao fato de muitos não terem acesso à alfabetização da língua portuguesa. Mas também tem a ver com o fracasso de políticas específicas de ensino, que não levam em consideração as particularidades de cada povo — avalia Claudia Costin.

Os homens indígenas de 15 anos ou mais têm taxa de alfabetização de 85,7% — 1,4 pontos percentuais acima do índice registrado entre mulheres indígenas (84,3%). O dado vai na contramão do panorama geral brasileiro, que aponta que o percentual de mulheres que sabem ler e escrever é 93,5%, enquanto o de homens é 92,5%.

Na população brasileira como um todo, a vantagem feminina foi verificada em todos os grupos etários analisados, exceto entre pessoas com 65 anos ou mais de idade. Nessa faixa etária, 79,9% dos homens sabem ler e escrever, segundo os critérios do IBGE, enquanto 79,6% das mulheres são alfabetizadas.

Entre população idosa, 20% não sabem ler e escrever

Divida educacional eleva as disparidades entre brasileiros com 65 anos ou mais. Faixa etária lidera índice de analfabetismo

A pesar de o Brasil ter registrado queda na taxa de analfabetismo em todas as faixas etárias, a população com 65 anos ou mais ainda é a que menos sabe ler e escrever. O quadro é um reflexo, segundo o IBGE, da dívida educacional brasileira.

Apesar de ainda ser a mais alta, a taxa de analfabetismo entre os idosos teve a maior redução em duas décadas, ainda de acordo com os dados do Censo 2022. Os que não sabem ler e escrever nesse

segmento passaram de 29,4% em 2010, para 20,3%. Em 2000, somavam 38% do total.

Ainda assim, o atual índice representa uma diferença de oito pontos percentuais em relação aos brasileiros com idades entre 60 e 64 anos — segundo maior grupo entre os analfabetos.

Na população idosa, as disparidades raciais e regionais são ainda mais evidentes. É nesse grupo que a diferença na taxa de analfabetismo entre brancos e pretos

TAXA DE ANALFABETISMO POR GRUPO DE IDADE

Em %

65 ou mais 20,3

60 a 64 12,4

55 a 59 10,7

50 a 54 8,8

45 a 49 7

40 a 44 5

35 a 39 3,2

30 a 34 2,2

25 a 29 1,7

20 a 24 1,5

15 a 19 1,5

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2022

atinge seu valor máximo, de 20,9 pontos percentuais.

Além disso, na região Nordeste, moradores com 65 anos ou mais têm índice de analfabetismo 3,5 vezes maior que o contabilizado no Sul para o mesmo segmento — 39,4% a 11,3%, respectivamente.

POLÍTICAS NECESSÁRIAS

Ex-diretora global de educação do Banco Mundial, Claudia Costin avalia que o fato de o maior índice de analfabetismo estar entre

pessoas idosas é resultado de uma política de universalização da educação primária tardia no Brasil. A especialista em educação pontua que os governos municipais, estaduais e federal precisam investir em políticas voltadas à educação de jovens e adultos (EJA).

— É erradíssimo apenas encerrar esses dados como parte de uma transição demográfica, visto que a educação é um direito fundamental e essencial de interação social. Os governos podem pensar políticas voltadas ao EJA (junto a cursos técnicos, a fim de criar estímulo para que esses adultos não desistam da educação. (Pâmela Dias)